

A peregrinação como fenómeno universal

Devido à sua dispersão geográfica e cronológica, bem como à sua transcendência e repercussão social e cultural, a peregrinação é um fenómeno antropológico presente em todas as civilizações ao longo da história.



A PEREGRINAÇÃO COMO ALEGORIA

Na peregrinação estabelece-se uma relação especial entre o que é terrenal e o que é sagrado. O esforço físico para atingir a meta é uma metáfora da viagem espiritual do ser humano, cheia de sacrifícios e renúncias, para alcançar a renovação do espírito, a glória, o paraíso ou a salvação eterna, segundo a crença da qual se trate.

AS PEREGRINAÇÕES NO MUNDO

Existem evidências de peregrinações históricas na Mesopotâmia, no Egito ou na Grécia. No hinduísmo eram frequentes as peregrinações a rios, entre outros sítios; no budismo estão relacionadas com relíquias do próprio Buda ou acontecimentos da sua vida; o sintoísmo conta com muitos lugares aos quais se peregrina porque neles residem os kami ou espíritos da natureza.

As três grandes religiões monoteístas contam com importantes centros que recebem milhares de peregrinos: Jerusalém, Roma, Santiago e Meca são os mais destacados.

A PEREGRINAÇÃO CRISTÃ

Os lugares relacionados com a vida de Cristo, os discípulos e os primeiros mártires logo converteram-se em centros de devoção e meta de peregrinação quando o cristianismo assumiu como sua a tradição judia de peregrinar.

A liberdade de culto e a imposição do cristianismo como religião oficial do Império Romano no século IV favoreceram a expansão e multiplicação destes lugares. As tumbas de apóstolos e mártires ou as suas relíquias darão lugar a importantes centros de peregrinação na Idade Média.

No século XVI a venda de indulgências, a exagerada veneração das relíquias e outros excessos foram criticados tanto dentro da Igreja Católica, por Erasmo de Roterdão, como fora dela, por Lutero.

AS TRÊS GRANDES PEREGRINAÇÕES CRISTÃS

Jerusalém é o centro de um amplo território –a Terra Santa- com muitos lugares de interesse relacionados com a origem do cristianismo. Roma, por ser a sede do papado e pela abundância de santuários, sempre atraiu muitos peregrinos desde a origem do cristianismo.

Santiago de Compostela converteu-se em centro de peregrinação após a descoberta do corpo de Santiago o Maior no século IX, atraindo desde então uma grande quantidade de peregrinos.



A peregrinação e o caminho de Santiago (I)

A descoberta de um sepulcro -cujos restos foram atribuídos a Santiago o Maior- nos territórios mais ocidentais da Europa ao redor do ano 820 d.C. supõe a origem do culto ao Apóstolo e o nascimento da peregrinação jacobea.



SANTIAGO. HISTÓRIA, TRADIÇÃO E LENDA

As referências históricas sobre a vida e evangelização de Santiago o Maior, bem como sobre os acontecimentos que levaram à descoberta da sua sepultura, sempre estiveram entre a tradição e a lenda. Embora a tradição do enterro do Apóstolo na Gallaecia seja anterior à sua descoberta por Teodomiro, bispo de Iria, os documentos que relatam tal achado e o traslado do corpo desde Jerusalém são posteriores e não estão isentos de certa intencionalidade.

A partir do século VI difunde-se a crença de que os apóstolos estavam enterrados onde eles tinham predicado, e a tradição ocidental atribui a Santiago a evangelização da Hispânia. Isso justifica que antes da descoberta (inventio) circulassem escritos que, recolhendo antigas tradições transmitidas possivelmente pela Igreja visigoda, assinalavam Finis Terrae como o lugar de enterro de Santiago.

História. Santiago como discípulo de Jesus

São escassos os dados históricos referentes a Santiago. Os Evangelhos canónicos indicam-nos que foi filho de Zebedeu e Maria Salomé, irmão de João, apóstolo e evangelista. Nos Atos dos Apóstolos recolhe-se a sua decapitação em Jerusalém por ordem de Herodes Agripa entre os anos 42 e 44 d. C.

Tradição. A evangelização da Hispânia

Ao contrário das tradições orientais que atribuem a Santiago a predicação na Judeia e na Samaria, a tradição ocidental reserva-lhe a evangelização da Hispânia. É provável que a chegada da nova religião à península tenha ocorrido, junto com outros cultos orientais, por intermédio de soldados romanos. Roma é consciente tanto do valor geoestratégico do noroeste como dos seus importantíssimos recursos auríferos, necessários para a manutenção de tão vasto império.

Lenda. A *Translatio*

A lenda do traslado do corpo de Santiago (*translatio*) conta que os discípulos de Santiago, após a sua decapitação, recolheram o seu corpo em Jaffa e trasladaram-no milagrosamente por mar até Iria Flavia. Ao chegar lá solicitaram à Rainha Lupa um lugar para o enterrar, e esta os remeteu ao legado romano, que ordenou a sua prisão, mas eles foram libertados por um anjo. Lupa tentou enganá-los de novo enviando-os ao Monte Ilicino em busca de bois –que na verdade eram touros- para trasladar o corpo, mas os animais se amansaram milagrosamente. Finalmente, Lupa converteu-se e ofereceu-lhes um lugar para a sua sepultura no monte Libredón...

A peregrinação e o caminho de Santiago (II)

As narrações sobre a descoberta do sepulcro de Santiago situam o evento no reinado de Alfonso II (791-842) e no pontificado de Teodomiro, bispo de Iria (819-847). Esta descoberta deu lugar ao nascimento da peregrinação jacobea e à rede de itinerários que denominamos Caminhos de Santiago.



DESCOBERTA E IDENTIFICAÇÃO DO CORPO

A aparição do corpo do apóstolo enquadra-se dentro da tradição medieval de achados milagrosos de relíquias, que são os objetos mais sagrados para os cristãos. Foi um facto de enorme repercussão, que também afetava os poderes político e religioso: um incentivo para a consolidação da monarquia asturiana e uma oportunidade para a diocese mais afastada de reclamar para si uma origem apostólica.

A *inventio*

Aparece uma nova relíquia

Antes da descoberta do sepulcro circulavam abundantes referências sobre a sua localização e o seu culto na *Gallaecia*. A lenda narra que o ermitão Pelaio avistou umas luminárias no bosque próximo (Libredón). Ele comunicou o facto ao bispo de Iria, Teodomiro, que após jejuar e orar, descobriu o sepulcro que é atribuído a Santiago. O Rei Alfonso II ratifica a descoberta, e no ano 834 ordena a construção de um modesto templo, que é a origem da Catedral de Santiago.

Um mausoléu romano

Para quem?

O sepulcro identificado como o túmulo de Santiago é um mausoléu dos séculos I e II, muito alterado, porém supostamente cristianizado para acolher os corpos de Santiago e de seus discípulos Atanásio e Teodoro. Outras hipóteses consideram-no a tumba de Prisciliano, um bispo herege executado em Trier (Alemanha) no século IV.



OS CAMINHOS DE SANTIAGO

O deslocamento da fronteira com o Islã para o sul, no século XI, proporcionou segurança e favoreceu a consolidação da rota jacobea, que nasceu pela necessidade de integração espiritual e política dos territórios hispanos com a Europa. O Caminho Francês terá o apoio de instituições eclesásticas, monárquicas e da nobreza, o que o consolidará rapidamente como uma rota principal.

O nascimento do Caminho de Santiago

De forma simbólica, o Caminho de Santiago é explicado como o reflexo na terra da rota celestial marcada no firmamento pela Via Láctea que se dirige a *Finis Terrae*. Antigas tradições veem Carlos Magno como o artífice do Caminho, quando Santiago aparece-lhe num sonho e pede-lhe para libertar os territórios ocupados pelos “sarracenos” e assim abrir um caminho até a sua sepultura.



As rotas na península Ibérica

Itinerários europeus

Os diferentes caminhos de peregrinação confluem à medida que se aproximam de Santiago de Compostela. São sete os caminhos que chegam à cidade: Francês, Primitivo, do Norte, Inglês, Português, Fisterra-Muxía e Via da Prata; e a rota do Mar de Arousa e rio Ulla, em memória da translatio. A maioria prolonga-se para fora da Galiza, ramificando-se para alcançar lugares significativos da tradição jacobea peninsular ou para se internar na Europa.



O PEREGRINO JACOBEO

O peregrino jacobeo é o ator principal da peregrinação a Compostela. O facto de peregrinar propiciou o nascimento do caminho, das infraestruturas, do regulamento de proteção dos caminhanes, e de um imenso conjunto de elementos materiais e imateriais que tornaram singular esta peregrinação.

Motivações

Livros de viagem

Meios de transporte

Indumentária

A peregrinação jacobea nasce de uma convicção religiosa. Interpreta-se como um “caminho da perfeição”, e peregrina-se por diversos motivos: devoção piedosa, pedir uma graça, ânsias humanistas ou valores cavaleirescos, e mesmo peregrinações forçadas ou por imposição de uma pena civil. Aspetos culturais, ecológicos, desportivos, esotéricos, a meditação ou o escapismo também figuram entre os muitos motivos pelos que hoje peregrina-se a Compostela.

O Guia do peregrino (livro V do Códice Calixtino) é um documento excepcional do século XII que oferece informação de interesse para peregrinar a Compostela. Muitos outros livros (itinerários, guias ou crónicas) constituem uma importante fonte para o estudo da peregrinação jacobea. Desde a sua origem, a viagem a pé converteu-se no principal meio de transporte para o peregrino; o uso de animais ou de carruagens era um privilégio.

No princípio as roupas do peregrino são as próprias do caminhanter: capa não muito comprida, túnica, romeira, chapéu de aba larga e calçado resistente.

Urbanismo e infraestruturas

No século XI o Caminho de Santiago atrai o assentamento de artesãos e comerciantes procedentes de toda a Europa. Influenciou decisivamente na configuração do território que atravessa, propiciando a criação de novos povoados e diferentes infraestruturas que facilitam a peregrinação.

Com o tempo produz-se uma padronização do vestuário que favorece a identificação do peregrino: o bordão (báculo) e a cesta, saco ou bolsa (pera) converteram-se em verdadeiros distintivos, aos que se unirá a cabaça para levar água ou vinho. Sobre a vestimenta, conchas de vieira e pequenos bordões jacobeus.

Os peregrinos, no seu regresso, costumavam levar como lembrança objetos elaborados em Compostela: vieiras, crucifixos, amuletos, colares, rosários, esculturas de Santiago, objetos litúrgicos, medalhas com a imagem do apóstolo...

Proteção e assistência

ao peregrino

A Ordem de Santiago

A peregrinação jacobea foi-se dotando de um regulamento para proteger o peregrino e de instituições para facilitar a sua viagem. A assistência sanitária sempre foi imprescindível, e por isso, já desde o século IX fundaram-se hospitais ao longo de todo o percurso.

A Ordem de Santiago, fundada por Fernando II em 1170, prestou um serviço fundamental aos peregrinos jacobeus garantindo a segurança das rotas de peregrinação. No século XIII era a ordem militar mais rica, com inúmeras posses na península Ibérica.

A peregrinação e o caminho de Santiago (III)

Os objetos e rituais relacionados com os peregrinos jacobeus; o vínculo que a música, a literatura e a arte tiveram com o Caminho de Santiago; a diversidade iconográfica do Apóstolo, bem como a amplíssima dispersão do culto a Santiago são os protagonistas neste andar



SÍMBOLOS, RITUAIS E DOCUMENTOS DA PEREGRINAÇÃO

Vieiras, bordões e cruces de Santiago

A **concha de vieira** será a insígnia jacobea por excelência do Caminho de Santiago, assim como a Veracruz ou as chaves cruzadas sê-lo-ão de Roma, e a palma, de Jerusalém e da Terra Santa. A concha era vendida na entrada norte da catedral sob um estrito controlo eclesiástico. Pendurada ou costurada na indumentária, funcionava como credencial da condição de peregrino. Tem um valor curativo, e sua semelhança com uma mão simboliza as boas obras, conforme afirma o sermão *Veneranda dies* do Códice Calixtino. A fabricação em metal favorecerá o controlo do monopólio eclesiástico.

Outros elementos como os **bordões** (cruzados ou não sob a vieira) ou a **cruz de Santiago** são símbolos exclusivos jacobeus. A Cruz é o distintivo da Ordem

de Cavalaria de Santiago. A sua forma representa a defesa da fé de Cristo, e a espada, a arma utilizada para esta defesa. Outros símbolos são: a bolsa, o chapéu, a romeira e a representação do santo ou da basílica.

Rituais e documentos

A peregrinação está cheia de rituais, desde a saída até ao regresso. O peregrino prepara-se antes de abandonar a sua casa. Pode deixar escritas as suas últimas vontades e receber os atributos do peregrino (bênção de báculos e bolsas). No caminho visita santuários, e com frequência realiza rituais, às vezes de origem pagã, em rios e fontes. Pode mesmo transportar uma pedra a modo de penitência, a qual lança de um *milladoiro*. A culminação da peregrinação é certificada de forma documental. A partir do século XV entregam-se os certificados conhecidos como “compostelas”.



A LITERATURA E A MÚSICA DA PEREGRINAÇÃO

A peregrinação a Compostela é um dos melhores exemplos para ilustrar a importância que os elementos literários e musicais têm em todas as peregrinações. O Códice Calixtino contém exemplos das primeiras polifonias ocidentais: músicas de oração e músicas da liturgia de Santiago; também há músicas de oração e festividade religiosa em catedrais, mosteiros e bibliotecas ao longo do Caminho. Em todos os povoados com tradição cristã existem cânticos que fazem referência à peregrinação a Santiago. *La Grande Chanson* ou o *Jakobslied* são os exemplos representativos de guias cantados durante séculos. A música culta, o teatro e a literatura também estão marcados pela temática jacobea.



ICONOGRAFIA JACOBÉIA. A REPRESENTAÇÃO DO APÓSTOLO

A representação do apóstolo é uma das mais diversas da iconografia cristã. A expansão do seu culto pela Europa e, a partir do século XVI, pela América, permitiu que a sua imagem se adaptasse às diferentes necessidades devocionais e políticas do momento.

Santiago: apóstolo e mártir

Nas imagens mais antigas representa-se com os atributos comuns aos outros apóstolos: túnica e manto, livro sagrado e pés descalços. Com frequência um tefilin ou rótulo menciona o seu nome ou uma frase alusiva à sua pessoa.



Santiago peregrino

Santiago apresenta, a partir do século XII, aspeto de peregrino, tanto por ser enviado por Jesus e empreender uma longa viagem para evangelizar a Hispânia, como pela sua identificação com os peregrinos que caminham com destino à sua tumba. Representa-se com bordão (cajado), bolsa, cabaça, chapéu, romeira e vieiras, acompanhadas às vezes de pequenos cajados como adorno do vestuário.

Santiago cavaleiro

A imagem de Santiago como soldado sobre um cavalo apoiando as tropas cristãs foi documentada pela primeira vez em meados do século XII. A tradição relaciona-o com acontecimentos anteriores (batalha de Clavijo em 844, conquista de Coimbra em 1064, entre outros). Representa-se sobre um cavalo branco, com espada, escudo e/ou estandarte, com “infiéis” aos seus pés ou conduzindo as tropas cristãs.

SANTIAGO NO MUNDO: ESPANHA, EUROPA, AMÉRICA

A ampla dispersão do culto a Santiago deve-se a diferentes fatores, entre eles o facto de ser um dos discípulos mais próximos a Cristo. A descoberta do corpo de Santiago (século IX) nos territórios mais afastados da Europa incentivou muitos fiéis a peregrinar até a sua tumba, tendo em vista o auge das peregrinações e o culto às relíquias na época medieval.

Em Espanha, a tradição atribui a existência de um culto muito antigo a Santiago, que deu lugar ao nascimento de igrejas, capelas e estruturas de acolhimento em sua homenagem. Por outro lado, a notícia da descoberta do sepulcro do apóstolo e a tentativa de o relacionar com Carlos Magno contribuiriam para difundir o seu culto na Europa.

A expansão internacional da cultura e da tradição hispana, com as descobertas protagonizadas sobretudo por Castela e Portugal, levará o culto a Santiago aos cinco continentes. Muitos assentamentos coloniais fundados foram levantados sob a proteção do apóstolo Santiago.

A figura de Santiago, que a monarquia vinha utilizando como símbolo da unidade política e religiosa de Espanha, terá um papel importante na conquista e colonização da América após a sua descoberta, em 1492. Tanto os conquistadores como os evangelizadores utilizarão a figura de Santiago cavaleiro como aliado na busca dos seus objetivos.

A cidade de Santiago de Compostela

A catedral de Santiago

Esta sala apresenta as origens da cidade de Santiago. O lugar onde se localizaram os restos, identificado como tumba apostólica, foi-se transformando num lugar de culto. Aqui mostra-se a evolução construtiva do santuário, primeiro basílica e posteriormente catedral.



UM LUGAR PARA O CULTO. A EVOLUÇÃO DO SANTUÁRIO

A origem de Santiago de Compostela está unida a um lugar de culto pré-cristão. Os restos identificados como a tumba do apóstolo Santiago sugerem que se trata de um mausoléu, erigido na época do alto império romano (séculos I-II d.C.), numa necrópole da qual se conhecem, entre outros restos, várias inscrições funerárias.

A atribuição da condição de tumba apostólica suporia o início, ou talvez a continuação, de profundas transformações da sua estrutura e dos seus arredores, surgindo um pequeno núcleo rural conhecido como *Locus Sancti Iacobi*. Um primitivo templo, logo substituído por outro maior, junto com outras construções religiosas e defensivas, deram, por volta do século X, uma dimensão urbana a este recinto.

A partir do século XI, com o auge das peregrinações, contando com o apoio da monarquia e do papado, a Igreja compostelana levaria a cabo um grande projeto para construir um santuário apropriado para a sua categoria de sede apostólica. O templo românico passou assim a se converter na sede da diocese, e transformou-se em catedral da “Santa Apostólica e Metropolitana Igreja de Santiago”.

O mausoléu como origem da cidade

Os restos conservados do sepulcro foram objeto de muitas interpretações. Tratar-se-ia de uma construção de planta quadrada, possivelmente com dois andares. O inferior estava dividido em dois ambientes: um com os restos de um mosaico tardo-romano e outro com tumbas de tijolos em altura. A tradição situa no primeiro ambiente os restos de Santiago, e no segundo os dos seus discípulos Atanásio e Teodoro.

Tradicionalmente considera-se que no andar superior encontrava-se o altar primitivo para o culto ao Apóstolo. Esta parte alta foi eliminada na remodelação românica da basílica. As escavações documentaram enterros cristãos do século V, embora aparentemente o lugar tenha sido abandonado no século VII.

O santuário

O atual santuário é a consequência da transformação da tumba em lugar de culto. Imediatamente após a descoberta realizaram-se obras para custodiar as relíquias e organizar o seu culto. No próprio século IX os monarcas asturianos (Alfonso II e Alfonso III) promoveram a construção de santuários superpostos ao sepulcro e que são conhecidos como “primeira e segunda basílica”. No final do século XI, o aumento do número de peregrinos fez com que fosse necessário desenhar um novo edifício que substituísse o anterior e permitisse compatibilizar os distintos rituais do culto e da peregrinação. Neste século projetou-se a basílica românica que, com as posteriores modificações, chegou até os nossos dias.



As basílicas de Alfonso II e Alfonso III

Por volta do ano 830, Alfonso II ergueu sobre o sepulcro um modesto templo, sobre o qual existe pouquíssima informação. Teria uma nave retangular simples, e disporia de um batistério isento pelo norte. Quando Alfonso III substituiu esta construção por outra nova, justificou-se dizendo que a anterior era pequena e de pouca qualidade. A nova basílica foi consagrada no ano 899 e levantada ao estilo próprio das construções pré-românicas asturianas. Tinha maiores dimensões, dispunha de uma cabeceira ampla para abrigar vários altares e o sepulcro, três naves e pórtico na entrada principal de poente. Na sua decoração incluíram-se elementos tardo-romanos e visigodos procedentes do al-Andalus. Após ser arrasada por Almanzor no ano 997, esta basílica foi reconstruída pelo bispo Pedro de Mezonzo.

A basílica românica

Em 1075 começaram as obras da cabeceira românica seguindo o modelo de “igreja de peregrinação”, que permite simultaneamente a celebração do culto sobre o sepulcro e o fluir de peregrinos ocupados noutros rituais. Esta primeira fase concluiu-se em 1088. Durante o mandato de Diego Gelmírez (1093-1140) desenvolveu-se a segunda etapa das obras: concluiu-se a cabeceira, organizou-se a capela-mor e o cruzeiro com as suas fachadas, e avançou-se no braço maior. A última fase românica coincidiu com a incorporação do Mestre Mateo em 1168, que construiu os trechos finais, o Pórtico da Glória, e solucionou o problema do desnível da fachada oeste. Em 1211 consagra-se a catedral românica.

O projeto gótico

O arcebispo Juan Arias (1238-1266) promoveu importantes obras na catedral e dotou-a de um claustro compatível com o resto do templo e com o refinado cerimonial utilizado nas celebrações litúrgicas do momento. Contou com um programa decorativo complexo, com motivos tomados do Mestre Mateo. Por outro lado, o projeto inacabado da cabeceira gótica supunha dotar a basílica de um amplo espaço cerimonial no lado leste, mas diversos problemas sociais impediram o prosseguimento das obras, executando-se parcialmente o lado norte, hoje sob as escadarias da Plaza de la Quintana. Entre o final do século XIV e o XV seria construído o atual cibório e os alicerces da torre do relógio, reforçando o aspeto defensivo do conjunto da catedral.

A catedral renascentista e barroca

A construção do atual claustro renascentista em substituição do medieval foi a intervenção de maior envergadura do século XVI. Obra de Juan de Álava e Rodrigo Gil de Hontañón, suporia uma grande modificação do entorno meridional da catedral. No século XVII teve início a transformação exterior da basílica, oferecendo o aspeto eminentemente barroco que apreciamos na atualidade. Nela intervieram arquitetos e mestres de obras como Vega y Verdugo, Juan Peña de Toro, Domingo de Andrade, Fernando de Casas y Novoa, Lucas Ferro Caaveiro, Clemente Fernández Sarela, Domingo Luis Monteagudo, Ventura Rodríguez e outros. Interiormente realizaram-se também importantes obras com novas capelas (Cristo de Burgos, Pilar...) e remodelaram-se outros espaços, como a capela-mor com o seu baldaquino, etc.

A cidade de Santiago de Compostela

A partir do ano 1000, Compostela converte-se numa cidade com um grande peso religioso, político, económico e cultural. Estabelecem-se instituições religiosas, políticas, educativas e assistenciais que deixam a sua marca no urbanismo e em todos os aspetos socioeconómicos da cidade.



DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO E ECONÓMICO

Desde a Idade Média, Santiago foi a cidade galega mais conhecida internacionalmente. Boa parte da população vivia do artesanato, do comércio ou das rendas do capital. Na Idade Moderna foi um importante centro de comercialização dos seus produtos artesanais e de redistribuição de mercadorias procedentes de outras regiões.

O território

Santiago de Compostela levanta-se num território escalonado entre os vales dos rios Sar e Sarela, no extremo oriental do Val da Maía. A topografia facilitou a passagem de importantes vias de comunicação, o que condicionou a ocupação do território desde a Antiguidade.

No século IX existiam importantes caminhos até Iria Flavia, Ourense, Lugo, A Corunha e Fisterra, na sua maioria remanescentes de vias de comunicação da época romana.

A cidade medieval

Entre os séculos XI e XIII Santiago experimentou um grande desenvolvimento urbanístico devido às importantes construções impulsionadas pela Igreja compostelana. As obras do conjunto da catedral e do segundo sistema defensivo da cidade condicionaram a sua configuração urbanística. Ergueram-se numerosas igrejas, conventos, mosteiros e casas para abrigar uma população formada por um abundante clero e uma burguesia constituída sobretudo por artesãos e comerciantes.

Em torno do núcleo urbano, e seguindo o traçado dos principais caminhos, desenvolveram-se distintos bairros com uma atividade agropecuária para o abastecimento ordinário da população.

O senhorio da cidade

O reconhecimento da descoberta do corpo do Apóstolo pelo poder real supôs a concessão de territórios a favor do bispo, que chegaram a constituir um amplo senhorio conhecido como “Terra de Santiago”. O prelado, como senhor feudal, exercia sobre os vassallos os seus direitos militares, tributários e judiciais em nome do senhor Santiago. Logo, o rei conceder-lhe-á o privilégio de cunhar moeda própria.

O castelo de A Rocha Forte foi, junto com a catedral, o principal símbolo do poder terrenal do arcebispo. Levantado como residência arcebispal por volta de 1250 e convertido em castelo inexpugnável, controlava as vias de entrada à cidade desde o mar. A fortaleza foi arrasada definitivamente durante a Grande Revolta Irmandinha (1467-1469).

Azevicheiros

O azeviche, originado da fossilização de árvores desaparecidas há 65 milhões de anos, caracteriza-se pela sua cor preta, pela sua dureza e sua fragilidade. No século XIII documentam-se as primeiras oficinas em Compostela. Estavam assentadas na Azabachería, vinculadas aos concheiros e sob o controlo eclesiástico. No século XIV criam um grémio e, no século XV, unem-se numa das mais influentes confrarias sob a proteção de São Sebastião. Após um



período de decadência, a produção recupera-se no século XX com importantes azevicheiros e uma grande demanda de objetos suntuosos. Uma das produções mais populares dos azevicheiros serão as figas: amuletos em forma de mão fechada (geralmente a esquerda) com o dedo polegar situado entre o indicador e o médio. Era considerado um gesto de menosprezo, mas também constituiu-se como um amuleto de caráter curativo e protetor contra os murmúrios, os malefícios ou o mau-olhado. Na Idade Média propaga-se o seu uso pelos reinos cristãos, sendo já muito habitual a sua utilização no século XVI. As figas são decoradas com muitos elementos simbólicos e talismânicos, como corações, sóis, luas e estrelas, mas chegam a adotar uma forma tão esquemática que as torna irreconhecíveis, seguramente devido à sua proibição pela Inquisição em 1526.

Ourives

No século XI documentam-se ourives a trabalhar para a catedral. As primeiras ordenanças do grêmio de ourives datam de 1431, porém a confraria, que concedia muitos privilégios aos seus membros, não seria criada até o século XVI. As oficinas situavam-se nas proximidades da porta sul da catedral (zona conhecida hoje como “Platerías”), da mesma forma que os azevicheiros que estavam sob o controlo eclesiástico. No século XIV surgem as primeiras marcas para garantir a qualidade da prata: Santiago peregrino, arca apostólica, cálice, marcas que iriam mudando ao longo do tempo.

Gravadores

A gravação na Galiza tem o seu maior florescimento em Santiago durante o século XVIII, e o seu êxito é paralelo ao desenvolvimento da peregrinação. Os temas jacobeus ilustram um grande número de impressos como compostelas, certificados de peregrinação, sumários de indulgências, relações de relíquias, estampas devocionais, bem como livros e folhetos.

Alguns gravadores eram ourives, como os Piedra, ou arquitetos e escultores, como Miguel de Romay ou Melchor de Prado, o que proporcionava diversidade e perfeição no desenho de motivos ornamentais, até a descoberta de uma nova técnica, como foi a gravação a contrafibra

Grêmios e confrarias

Com o crescimento da cidade e do número de peregrinos, surgiram diferentes ofícios. Os cambistas lucravam com as transações de moeda estrangeira, enquanto os albergueiros, hospedeiros ou taverneiros proporcionavam manutenção e alojamento aos forasteiros. As obras na cidade atraíram mão de obra como trabalhadores das pedreiras, pedreiros, carpinteiros e ferreiros. Para defender os seus direitos e organizar os ofícios, muitos agrupavam-se em grêmios e em confrarias com ordenanças que regulavam o acesso à profissão e a participação na vida urbana. Entre todos eles, o trabalho do azeviche, da prata e a gravação adquirirão um grande prestígio.



A REINVENTIO: A CONSERVAÇÃO DA PEREGRINAÇÃO

Em 1879, promovido pelo cardeal Payá e com a ajuda do cônego e historiador Antonio López Ferreiro, foram encontrados na catedral os restos do Apóstolo, que tinham sido escondidos em 1589 por ordem do arcebispo Juan de San Clemente diante do temor de um possível ataque do pirata Drake. A autenticação destas relíquias supôs o começo das peregrinações modernas, e com isso a revitalização da cidade. A partir desse momento, os acontecimentos políticos marcarão, em grande medida, o desenvolvimento da peregrinação: a escassa afluência de estrangeiros durante as guerras mundiais, a sua utilização durante a ditadura de Franco para contribuir com a exaltação do sentimento nacional, ou o impulso definitivo que supôs a criação do Xacobeo 93 já na era democrática.